

Edil de Nacala fala dos 30 meses do seu mandato

“Herdámos um cancro que obrigatoriamente temos que curar”

Por Raul Senda

Fotos de Naíta Ussene

Duzentos quilómetros a noroeste da cidade de Nampula localiza-se o município de Nacala porto. Trata-se de um ponto estratégico para o desenvolvimento do país bem como da interland. Possui um dos melhores portos de África e num futuro próximo terá um dos maiores aeroportos do País. Em Dezembro de 2007, o governo criou uma zona económica especial e de lá a esta parte os investimentos não param de crescer. É sobre essas mudanças e o dia-a-dia da autarquia que o SAVANA conversou com o presidente do município de Nacala, Chale Ossufo.

Passam 30 meses depois de tomar conta dos destinos dos autarcas da cidade de Nacala. Que balanço faz?

Tendo em conta o estágio em que estava o município quando chegámos, posso dizer categoricamente que estamos num bom caminho.

Quando cá chegámos encontramos um modelo de gestão totalmente baralhado e tivemos que o mudar. Se não tivéssemos herdado um conjunto de problemas, os níveis de desenvolvimento seriam outros por estas alturas. Veja que antes de pôr em prática o que estava estabelecido no nosso manifesto eleitoral, vimo-nos na contingência de acertar muita coisa que estava mal encaminhada.

Que problemas encontraram. O que estava mal encaminhado?

O governo saído das eleições de Fevereiro de 2009, quando chegou ao município, encontrou uma dívida na ordem de 3,5 milhões de meticais, o município estava num descrédito total e toda a entidade privada que fazia negócio com a autarquia exigia pronto pagamento. Em caso de indisponibilidade o negócio não se efectuava. Isso criou-nos muitos constrangimentos visto que, como vocês sabem, isto é uma instituição pública que tem os seus moldes de funcionamento, e, como qualquer instituição ou órgão público, nem sempre há disponibilidade orçamental para

certas despesas imediatas. Por essas alturas, quase que ninguém aceitava nos fornecer papel, tonner e outros consumíveis. Passámos por momentos difíceis, mas conseguimos superá-los. Enfim herdámos um cancro, mas que obrigatoriamente temos que curar.

Como...

Tomámos várias medidas para inverter a situação. Introduzimos um conjunto de medidas, que até certo ponto foram mal compreendidas, mas depois as pessoas perceberam. Quando chegámos ao município, cada director de serviços ou vereador tinha direito a 50 litros de combustível por semana. Reduzimos para 20 litros semana. Muitas fontes de colecta de receitas eram ignoradas pela anterior edilidade e nós fomos buscar essas fontes e as nossas receitas aumentaram. No primeiro ano das nossas actividades conseguimos subir em 15% e a tendência é crescente. Veja que saímos de 80 milhões de meticais, em 2009, para 112 milhões, em 2010. Para este ano perspectivámos atingir cerca de 120 a 125 milhões de meticais.

Neutralizámos e desmontámos vários esquemas de corrupção. Introduzimos um sistema de controlo e recolha de receitas para além de envolver contribuintes no processo de fiscalização. Quando cá chegámos não havia cultura de prestação de contas e nós invertemos a situação porque, vimos que os municípios, na qualidade de contribuintes precisam de alguma satisfação. Foram essas e outras medidas que nos permitiram diminuir desvios e aumentar receitas.

ORDENAMENTO URBANO?

A par de vários cantos deste vasto Moçambique, a cidade de Nacala não é imune à problemática de erosão. É notável em várias artérias da urbe, habitações e infra-estruturas públicas em risco de desabar. O que está a ser feito no sentido de mitigar a triste realidade?

Um dos grandes problemas que afectam o nosso município é a erosão. A localização geográfica desta autarquia exige muita atenção sob ponto de vista ambiental. Porém, esta componente foi totalmente



Chale Ossufo, presidente do município de Nacala

ignorada pela anterior direcção e hoje as consequências são bem visíveis. As águas do mar estão a invadir a terra e as águas das chuvas empurram a terra para o mar. Estamos mesmo mal. A natureza geográfica do nosso município obriga que algumas zonas não sejam habitáveis por estar propensas a uma erosão. Porém, certas pessoas ignoraram isso e deixaram as populações erguer habitações e abrirem machambas. Hoje, essas pessoas estão em risco porque, cada dia que passa o risco das casas serem “engolidas” é enorme. Somos obrigados a retirar essas comunidades e reassentá-las noutros lugares. Trata-se de uma operação que acarreta custos que podiam servir para outros fins.

Mas o que está a ser feito no sentido de resolver a problemática de erosão.

Nacala é um território altamente acidentado e com muitas bocas para mar. Em tempos as águas das chuvas seguiam o devido caminho até chegar ao mar. Hoje, portar-se de deixado as populações construir e abrirem machambas

em qualquer lugar, todos os canais de escoamento de águas pluviais foram fechados. É preciso uma grande engenharia para se mitigar a situação. Esse trabalho exige fundos que não temos e dependemos de outros parceiros. Porém, enquanto não chegam fundos para uma intervenção de relevo, tentamos dentro das nossas possibilidades fazer alguns arranjos. Estamos também a sensibilizar os municípios no sentido de evitar destruir a natureza.

O desordenamento urbano é bem visível nesta autarquia. Haverá algum plano visando contornar esta situação?

Isso é uma realidade. Nacala não escapa ao fenómeno de assentamentos informais. São pessoas que vivem nessas situações há vários anos e que não os podemos retirar sem a devida compensação. A edilidade traçou um plano de estrutura e de uso de solo urbano. Com este plano queremos acabar com a anarquia e ilegalidades no uso do solo urbano. Veja que no passado

era normal encontrar aqui em Nacala, no mesmo quarteirão, uma discoteca, bares, cemitério, mesquita, igreja, escola, oficinas e mercado. Isso é inconcebível. Graças a Deus conseguimos resolver e, hoje, é possível encontrar cada uma daquelas infra-estruturas no seu devido lugar. Cada uma das coisas tem o seu espaço e quem indica é o município.

O mesmo plano prevê zonas de expansão habitacional. São zonas onde estão a ser reassentadas as pessoas que vivem em zonas de risco, das zonas onde está a ser erguido o parque industrial de Nacala entre outros interessados. Entendemos que por essa via conseguiremos, paulatinamente, diminuir a questão de assentamentos informais.

Durante muitos anos a cidade de Nacala debateu-se com problemas de água. A falta de água foi muitas vezes usada pelos políticos como trunfo nas campanhas eleitorais. Como é que está essa situação tendo em conta que não há vida sem água.

Posso lhe garantir que estamos num bom caminho e cada ano que passa esse problema está a passar para história. Metade dos 207 mil habitantes de Nacala consomem água potável 24 horas/dia e a situação continuará a melhorar. Nos 30 meses que estamos a frente do município conseguimos montar 136 fontanários em diversos bairros periféricos e fizemos 4600 novas ligações. Estamos a trabalhar com o Fundo de Investimento e Património de Águas (FIPAG) no sentido de expandir a rede para zonas que no passado tinham sérios problemas assim como para as zonas de expansão. Lembrar que para as zonas de expansão vamos reassentar cerca de cinco mil famílias e precisamos de água, rede eléctrica, escolas, hospitais, mercados e vias de acesso.

O Governo central em parceria com o Millennium Challenge Account está a financiar a reabilitação da barragem de Nacala. Trata-se de um projecto ambicioso que vai garantir água para todos os municípios de Nacala bem como as necessidades do parque industrial que está a surgir.

Em Dezembro de 2007, o governo criou a Zona Económica Especial de Na-

cala. Porém, volvidos quatro anos, ainda nota-se que as principais actividades económicas dos municípios de Nacala é a pesca e comércio informal. Será que os efeitos positivos do desenvolvimento industrial deste autarquia não se alastram aos residentes locais?

É verdade que neste momento as principais actividades económicas de Nacala são o comércio, a pesca e a pequena indústria. Contudo, garanto que num futuro próximo a situação vai mudar e a população de Nacala terá muitas fontes de rendimento. Queremos aproveitar o crescimento industrial de Nacala para melhorar as condições de vida dos municípios.

Como?

A zona franca de Nacala é gerida ao nível central mas, nós como governo local temos também algum poder. Veja que quando um investidor é concedido a licença para o exercício da sua actividade tem de dar o seu plano de actividades também as autoridades locais. É daí que dissemos que do total de mão de obra que precisará, uma parte deverá ser local, sobretudo aquela que não exige muitas qualificações. O surgimento de grandes companhias vai permitir o nascimento de pequenas e médias empresas de prestação de serviços. Essas firmas, muita vezes não precisam de pessoas altamente qualificadas e mais uma vez Nacala será chamada a abastecer em termos de mão de obra. Neste momento, aqui em Nacala, já foi aprovada uma carteira de investimentos na ordem de 350 milhões de dólares americanos que vão empregar cerca de sete mil pessoas. Desse universo mais de 80% será composta por mão de obra local.

O desenvolvimento do parque industrial de Nacala está a dinamizar outras áreas de actividades. Num futuro breve o nosso município terá um aeroporto internacional que já está em obras, o sector hoteleiro está a aumentar o número camas, já começam a surgir algumas instituições de ensino superior, o sector bancário está a crescer, os serviços públicos estão aumentando as suas capacidades de respostas enfim - Nacala será auto suficiente que não precisará da cidade de Nampula para resolver suas necessidades.